

A trajetória do pianista colaborador sob a perspectiva da literatura e prática: identificação/habilidades, experiencial e metodologias

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: AS-5: Performance Musical

Thaylisi Alves Batista
Universidade Estadual de Maringá
125011@uem.br

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho
Universidade Estadual de Maringá
arafilho@uem.br

Resumo. Este trabalho tem como objetivo central identificar estratégias metodológicas para o desenvolvimento de habilidades necessárias à atuação do pianista colaborador. Para tanto, contempla uma diversidade de investigações, como: revisão de literatura, auxiliando e fundamentando a descrição das principais características deste profissional em suas práticas, experimentações e desafios; relato pessoal da experiência de um dos autores deste trabalho em relação a sua atividade extensionista de colaboração pianística com coro e canto lírico pela Universidade Estadual de Maringá, assim como considerações baseada em entrevistas semi-estruturada com três pianistas colaboradoras profissionais, esclarecendo as problemáticas e a condução no exercício desta ação, validando o caráter qualitativo desta pesquisa. Em seu resultado, a pesquisa apresenta um conjunto de reflexões e encaminhamentos sobre a multiplicidade de estratégias para a superação de dificuldades comuns aos iniciantes e profissionais, auxiliando na trajetória do pianista colaborador sob a perspectiva da literatura e prática, potencializando a identificação, o conhecimento e o desenvolvimento de habilidades através dos diversos procedimentos metodológicos descritos.

Palavras-chave. Pianista colaborador, Habilidades, Experiencial, Estratégias metodológicas

Title. The Trajectory of the Collaborative Pianist from the Perspective of Literature and Practise: Identification/Skills, Experience and Methodologies

Abstract. The main objective of this work is to identify methodological strategies for the development of skills necessary for the performance of the collaborative pianist. To this end, it includes a variety of investigations, such as: literature review, assisting and supporting the description of the main characteristics of the performance of the collaboratin pianist in their practices, experiments and challenges; personal account of the experience of one of the authors of this work in relation to his extension activity of piano collaboration with choir and lyrical singing by Universidade Estadual de Maringá, as well as considerations based on semi-structured interviews with three professional collaborating pianists, clarifying the problems and the conduct in the exercise of this



action, validating the qualitative nature of this research. In its results, the research presents a set of reflections and recommendations on the multiplicity of strategies for overcoming difficulties common to beginners and professionals, assisting the path of the collaborative pianist from the perspective of literature and practice, enhancing the identification, knowledge and development of skills through the various methodological procedures described.

Keywords. Collaborative Pianist, Skills, Experiential, Methodological Strategies

Introdução

A colaboração pianística tem sido cada vez mais requisitada no campo da performance musical. Esta ação profissional de acompanhar coral, cantor, assim como, uma diversidade de instrumentistas, possui características pontuais e, por este motivo, necessita de estudo específico.

As funções imediatas do trabalho do colaborador são: sincronização rítmica, alinhamento vertical e cuidado com o volume (funções comuns às do solista). Já suas principais habilidades são: o domínio técnico no instrumento; uma leitura à primeira vista altamente eficiente; ler "ampliadamente" os sistemas da partitura, isto é, ler a parte do piano e a do solista simultaneamente; ler grades orquestrais com a habilidade de transposição, quando necessário; ler cifras e improvisar; ter um conhecimento amplo do repertório e saber lidar com situações adversas que podem acontecer em ensaios e apresentações (Ruivo, 2015, p.15).

A investigação apresenta considerações sobre o viés do pianista colaborador; desafios e processos metodológicos obtidos através de um questionário semiestruturado com a participação de três pianistas colaboradoras profissionais, assim como um breve relato sobre a experiência de um dos autores deste trabalho, ratificando o termo "experiential". Tal experiência, no projeto de extensão do curso de música da Universidade Estadual de Maringá com o grupo coral e alunos iniciantes no canto lírico, instigou as reflexões sobre o caminho metodológico para o desenvolvimento das habilidades relacionadas a este campo performático. Cabe salientar que, ainda nos dias atuais, embora os cursos de Graduação em Música ofereçam disciplinas que contribuam diretamente com a prática colaborativa, a formação e experiência do pianista colaborador é expressivamente menor se comparada com a ação solista, e neste contexto, desenvolvem suas habilidades e conhecimentos necessários na atuação direta e imediata no exercício desta função.



A formação deste profissional acontece na maioria das vezes de forma empírica, pois as exigências do meio profissional e a falta de formação acadêmica específica forçam os pianistas a se adaptarem a determinadas situações em um curto tempo de preparação (Mundim, 2009, p.17).

É fato que o músico/pianista atua em uma diversidade de funções decorrente da enorme ramificação na prática de execução do piano: concertista; carreira pedagógica e/ou acadêmica; colaboração; arranjador; camerista, entre outras. Contudo, a atuação não é inata, ninguém nasce pronto. Ela deriva do equilíbrio entre o conhecimento e a prática, resultando em uma atuação consciente e reflexiva na área da performance.

A fundamentação teórica do referido trabalho tem como base o referencial bibliográfico, cuja busca ocorreu através das plataformas Scielo, Google acadêmico e em repositórios das IES (Universidade de Ensino Superior), utilizando palavras-chave como: pianista colaborador; pianista correpetidor; piano colaborativo; piano correpetidor e pianista de coro, configurando a abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares, e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p.58).

A partir deste referencial, o objetivo desta investigação está em ampliar o campo de discussão, tecendo reflexões e apontamentos sobre a identidade da área, habilidades, reflexões sobre o experiencial e metodologias, contribuindo para a construção do processo formativo do pianista colaborador.

Ser pianista colaborador: identificação e habilidades a partir da literatura

Iniciaremos esta etapa, ser pianista colaborador, esclarecendo quem é este indivíduo, assim como qual terminologia será adotada ancorada pela prática e pela literatura vigente.

Apesar de haver diferentes terminologias, além de camerista e coach, o termo adotado, nesta investigação, será “pianista colaborador”, pois “ele é inclusivo e polivalente – pode ser usado tanto para música instrumental quanto vocal” (Costa, 2011, p.9). Mundim (2009, p.34-



35) afirma que o pianista colaborador “é o instrumentista que atua auxiliando na preparação de peças e até mesmo direcionando o ensaio”.

Neste cenário, vale apresentar apontamentos com o objetivo de descrever algumas habilidades/funções deste profissional. Tais apontamentos serão direcionados para as ações com coral e cantores líricos, sendo a prática vivenciada por um dos autores deste trabalho.

No coro, o pianista está encarregado de tocar o acompanhamento instrumental das peças do repertório coral. O objetivo está em oferecer a harmonia, auxiliando no processo de afinação, assim como na compreensão da estrutura rítmica e melódica. Em se tratando de coros leigos, atua no campo do ensino/aprendizado aos coralistas, ratificando a importância de sua contribuição pedagógica. Neste contexto, o pianista colabora ao passar a linha de cada naipe, proporcionando que os coristas aprendam sua respectiva melodia (altura e afinação). Essa importante atuação, reconhecida por Leal (2005), Mundim (2009), Muniz (2010) e Ruivo (2015), além de auxiliar com o processo de aprendizagem e memorização da melodia, atua no ajuste da afinação (Lisboa e Coutinho, 2011). Após esta etapa, se faz necessário tocar a voz de todos os naves, simultaneamente, com o objetivo de compreender a integralidade da obra, sem perder afinação e ritmo. Neste momento, o pianista necessita de sua percepção crítica para trabalhar alguns desajustes, suprimindo a problemática sem a cobrança por parte do regente (Friesen; Póvoas, 2019). Na continuidade, o pianista executará a parte dele propriamente dita.

O trabalho individual é extremamente relevante, pois o pianista deve ter pleno conhecimento de sua execução, requisito fundamental segundo Leal (2005), Mundim (2009) e Ruivo (2015). Aliás, técnica instrumental é essencial para todo e qualquer instrumentista.

Mundim (2009) observa um ponto de intersecção entre as características de pianistas que trabalham com coros, que atuam com outros instrumentistas e que acompanham cantores: “está na base da formação do pianista, primeiramente como solista, e em seguida camerista” (Mundim, 2009, p. 28). Entende-se, portanto, que embora as atuações respondam a especificidades conforme a ação, o início do estudo do piano é a base fundamental para o desempenho qualitativo da diversidade de funções.

Outra ação considerada imprescindível por grande parte dos autores da literatura, entre eles Leal (2005), Mundim (2009) e Muniz (2010), é a leitura à primeira vista em função de, na maioria das vezes, o repertório ser passado ao pianista sem muita ou nenhuma



antecedência. Quanto a isso, Leal (2005) adverte que uma leitura deficitária do repertório causa lentidão no ensaio e rupturas rítmicas. Além disso, quando há uma boa leitura à primeira vista pode-se focar em outros aspectos, como os interpretativos. Vale frisar o quanto é imprescindível que o pianista colaborador adote uma postura profissional, “cumprindo o que é de sua alçada” (Friesen; Póvoas, 2019, p.12).

Outras importantes ações na arte da colaboração pianística são: técnicas de transposição (Muniz, 2010; Ruivo, 2015), elaboração de arranjos e leitura de cifras (Leal, 2005; Mundim, 2009; Ruivo, 2015).

A transposição se faz necessária quando a tonalidade da obra não está propícia para o cantor ou grupo coral, em função da tessitura. Já a elaboração de arranjos se deve ao fato de que muitas músicas não possuem a parte escrita para o acompanhamento, exigindo do pianista colaborador conhecimentos sobre análise e harmonia para criá-los e improvisar, utilizando as cifras. Friesen (2018) afirma que muitos profissionais possuem grandes dificuldades nessa modalidade, provavelmente, isto é fruto da formação direcionada ao repertório solista da música de concerto.

Acompanhar cantores ou grupo coral apresenta diversidades em suas reais necessidades técnico/interpretativas.

No caso do cantor, o pianista deve se atentar na respiração e letra, uma vez que o texto falado não é metronômico. Não menos importante, está em reconhecer quando e como realizar as entradas das frases e de novos temas. Diferente do coro, o pianista e o cantor não têm ninguém que os direcione e que marque o andamento e/ou a agógica, transformam-se em um único instrumento através da necessária sincronização.

Em relação ao grupo coral, o pianista deverá estudar o regente, pois é através dele que os comandos serão ofertados e, conseqüentemente, sincronizados.

É fato que grande parte do “repertório lírico vocal estão em línguas de origem latina (latim, italiano, espanhol) e anglo-saxônica (alemão e inglês)” (Montenegro, 2013, p.110) e, por este motivo:

Os pianistas colaboradores consideram importante ter conhecimentos sobre as línguas estrangeiras, especialmente quanto à dicção e à fonética próprias. Esses conhecimentos (...) possibilitam ao pianista colaborador corrigir a pronúncia do cantor (Montenegro, 2013, p.109).



Apesar da riqueza de atuação e conhecimento do pianista colaborador, muitos desses instrumentistas não possuem experiência de campo suficiente para executar o trabalho com excelência e, neste contexto, iniciam estas demandas sem o devido processo formativo. David (2013) ratifica que essa excelência só é obtida através do dia a dia, porém, a metodologia de ensino nas IES poderia dialogar entre a formação de pianistas solistas e colaboradores através do Projeto Político e Pedagógico dos cursos de graduação, contribuindo com ambas as demandas que possuem suas especificidades (Leal, 2005; Mundim, 2009; Muniz, 2010; Costa, 2011; Mota, 2015; Ruivo, 2015; Ciambri/Santos, 2017), pois, “a formação empírica do profissional colaborador corre risco de ser incoerente e evasiva, uma vez que não têm alicerces como embasamento teórico e didático” (Mundim, 2009, p.42).

Embora ínfimo, existe alguns mecanismos de ações extensionistas que contribuem com esta prática, pois, para quem sempre estudou sozinho, torna-se difícil compreender o trabalho em grupo. Por esse motivo, Mundim (2009, p.42) alerta que:

A preparação auditiva e o saber/aprender tocar em grupo já na fase de iniciação musical são fundamentais na educação pianística. A aula individual de piano acaba se tornando insuficiente por não oferecer oportunidades ao pianista de interação com outros instrumentistas e, conseqüentemente, abre uma lacuna na preparação da prática em conjunto.

Outro importante requisito está direcionado ao tempo de preparação. Enquanto o pianista solista tem o “seu tempo” para assimilar o texto interpretativo, adquirir conforto técnico e até mesmo conquistar a memorização de uma música, o colaborador precisa estar apto a “preparar um repertório difícil sob pressão e um curto espaço de tempo” (David, 2013, p.7).

Apesar do desequilíbrio ainda existente entre as duas modalidades de atuação (solo e colaboração), a colaboração pianística tem sido cada vez mais requisitada, proporcionando benefícios financeiros ao profissional diante da realidade profissional (Unglaub, 2006; Ruivo, 2015).

Diante do exposto, percebe-se que o pianista colaborador é polivalente, adaptando-se a uma diversidade de demandas como: emocionais; técnica instrumental; autoconhecimento; processo de ensino/aprendizagem; relações interpessoais, entre outras.



Experiencial: trajetória musical/ colaboração pianística

Neste momento da investigação, salientando a palavra “experiencial”, terminologia adota pelos autores em função de levantar dados autobiográficos de Thaylisi Alves Batista sobre a experiência no campo da colaboração pianística, terá sua narrativa em primeira pessoa.

Iniciei meus estudos de piano no segundo semestre de 2020. Isto significa que minha trajetória musical como instrumentista abrange os últimos cinco anos e a experiência com a colaboração pianística, os últimos três anos. Este processo de curta formação é pouco comum para a atuação no nível superior, exigindo da minha parte mais empenho e participação para responder às novas demandas relativas à execução instrumental: disciplina; educação corporal; leitura; processo metodológico sobre a forma de estudo; crítica; educação auditiva e, principalmente, atuação ativa na parceria ensino/ aprendizado.

Cenário desafiador em função de provocar alterações de comportamento interno, principalmente, porque logo após ingressar no bacharelado, comecei a atuar como pianista no projeto de extensão do curso de Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá: Coro Escola Universitário.

A princípio, buscava novas experiências e algo que ofertasse horas extracurriculares, conciliando formação e organização das etapas acadêmicas.

O acolhimento e o cuidado da regente foram fundamentais. Dentro da estrutura pedagógica, recebi algumas informações específicas como: estudar a linha de cada naipe; juntar e averiguar o resultado rítmico e melódico com as respectivas vozes; colorir ou grifar as vozes para facilitar a visualização e sua autonomia, contribuindo na identificação de cada estrutura vocal, auxiliando o regente no aspecto rítmico e melódico.

Constatei que a leitura dinâmica na área de colaboração se diferencia da leitura específica para o programa destinado ao conteúdo do pianista solista. Por este motivo, não conseguia tocar na velocidade requerida e considerava uma semana insuficiente para este preparo.

Outro fator crucial está direcionado à exposição imediata. Durante os ensaios, o pianista colaborador está exposto a um número considerável de pessoas e isto proporciona um



estado de atenção totalmente diferenciado, fator emocional que não pode ser desconsiderado. O estado de ansiedade provocou, no meu corpo, uma série de curtos-circuitos, interrompendo e prejudicando o trabalho do regente, dos coralistas e, principalmente, subtraindo muito minha motivação.

Apesar das orientações iniciais da professora/regente do coro, não tinha consciência de como deveria agir, qual era o meu papel e o senso colaborativo para esta área de atuação. Entretanto, com vontade e disposição, comecei a assimilar a diversidade de conhecimentos de ordem técnica e musical que se requer de um pianista colaborador, como: pensamento rápido; audição seletiva; percepção aguçada para reconhecer e identificar harmonias; tocar de ouvido; conhecimento e memória de todas as linhas; leitura dinâmica, conhecimento de transposição; leitura de cifras; capacidade de improvisação; maleabilidade para trabalhar entre a música de concerto e a música popular; estudar o regente, entre outras. Não esperava que o processo de aprendizagem dessas funções fosse tão árduo! Dentro de minhas reflexões, constatei que a ação do repertório solo e da prática de colaboração pianística exige distintas percepções e, consequentemente, metodologias de estudo diferenciadas.

Com o passar do tempo, através do experiencial, comecei a lidar melhor com a situação, diminuindo o desconforto, assim como a troca de experiências e vivências com outros instrumentistas atuantes ou que já haviam atuado na área, auxiliaram no enfretamento deste arsenal técnico, musical e perceptivo.

A experiência em acompanhar os alunos de canto lírico, no curso de extensão intitulado “Técnica e Interpretação para Canto Lírico” na Universidade Estadual de Maringá, apresentou menos obstáculos, talvez porque possuía maior identificação com o repertório, as obras não exigiam transposição e improvisos, assim como, menor exposição.

Essas experiências enriqueceram minha graduação, ampliando a perspectiva sobre a profissão do pianista colaborador, pois, o trabalho em conjunto exige excelência da parte individual de cada integrante, caso contrário, o “todo” não se ajusta.



Metodologias: literatura vigente em diálogo com o referencial de pianistas colaboradores profissionais.

Neste momento, a intenção é propor um diálogo coligando o referencial teórico com as informações fornecidas por três pianistas profissionais, coletadas através de um questionário semiestruturado. Segundo Gil (2008):

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (Gil, 2008, p.121).

Vale frisar que as instrumentistas possuem formação superior e título de doutorado, com mais de dez anos no exercício da colaboração pianística.

A narrativa, sem identificação das entrevistadas, representa uma síntese da coleta de dados, descrevendo a iniciação da referida prática, os desafios, assim como os procedimentos metodológicos para o desempenho qualitativo na prática colaborativa.

O questionário abrangeu uma diversidade de tópicos, salientando: o início da atuação no campo da colaboração pianística; aspectos relevantes a respeito da técnica instrumental; quais as especificidades para o exercício desta função; dificuldades encontradas, assim como, quais ações metodológicas utilizaram para superá-las; como se sentiam com outros professores e grupos específicos; como realizaram a conexão entre a formação solista e a prática colaborativa; em que momento se sentiu profissional; qual o grau de motivação e o que desmotiva; assim como foi solicitado que realizassem apontamentos para a construção deste profissional.

Segundo as entrevistadas, a prática de iniciação do piano colaborativo ocorre, geralmente, através da oportunidade de acompanhar os/as colegas na graduação, enfatizando que a ação da experimentação é uma importante ferramenta para o desenvolvimento das inúmeras habilidades. A igreja, através dos corais, também representa potencial para o desenvolvimento da referida prática. Segundo Montenegro (2013, p. 89-90):



A formação musical na Igreja tinha características próprias que favoreciam o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos do pianista colaborador: Apresentar-se em público, tocar em conjunto e fazer leituras à primeira vista (Montenegro, 2013, p. 89-90).

As principais dificuldades salientadas no início da trajetória, de acordo com as três pianistas entrevistadas, foram: leitura de três claves simultaneamente, especialmente a clave de Dó, não usual ao repertório pianístico; leitura à primeira vista, comprometendo a fluidez rítmica; a falta de domínio da língua estrangeira, interferindo na compreensão do texto e dicção; a compreensão das especificidades dos instrumentos, aspectos idiomáticos; o tempo reduzido para o preparo das obras, uma vez que:

Nós, pianistas, recebemos, de modo geral, uma formação típica dentro do que poderíamos chamar de “a escola da performance”, ou seja, somos preparados para ler uma partitura, **estudá-la segundo rigorosos processos de repetição e memorização**, até podermos tocá-la com o **máximo de perfeição**, portanto, objetivando-se a excelência na performance (Costa, 2011, p.13, grifo nosso).

As críticas direcionadas ao Projeto Político e Pedagógico dos cursos de piano das IES brasileiras, apontadas pelas entrevistadas, estão diretamente conectadas com o mercado de trabalho em função da grande demanda desta ação: prática colaborativa.

Entretanto, os autores desta pesquisa apresentam as seguintes reflexões:

- A prática da colaboração pianística ocorre sem um desenvolvimento instrumental individual?
- Será possível dividir um trabalho musical sem antes se reconhecer dentro deste campo?

A desvalorização, desrespeito e falta de conhecimento sobre o trabalho do pianista colaborador foi um item consensual entre as entrevistadas. Isto nos faz refletir que a conscientização, nesta área de atuação, demanda da participação efetiva dos pianistas, do corpo docente, dos instrumentistas, assim como do Projeto Político e Pedagógico das IES, ratificando que é uma ação coletiva que exige participação de todo o contexto, interligando a estrutura do meio musical.



Sobre a leitura à primeira vista, o processo metodológico adotado pelas entrevistadas está em separar um tempo de estudo para vivenciar leituras de músicas desconhecidas e diversificadas, abaixo do nível de repertório solo, porém, com desafios constantes. A aplicabilidade da técnica de leitura antecipada melhora a fluidez, a sagacidade e, consequentemente, maior agilidade psicomotora.

Quanto ao idiomatismo que proporciona aprendizados sobre as características intrínsecas de cada instrumento/canto ocorre, segundo as entrevistadas, através das experiências em ensaios, assim como a ferramenta da escuta de músicas com formações e estilos diferenciados. Escutar cantores e instrumentistas nas plataformas digitais funciona como um “ensaio para o ensaio”, ampliando o senso de percepção e aprimorando a escuta sobre o outro.

Outras importantes dicas salientadas pelas entrevistas estão em realizar disciplinas sobre dicção para cantores em função de auxiliar na compreensão de inúmeros idiomas, assim como traduzir os textos para melhor entendimento do aspecto interpretativo.

Sob a ótica pedagógica a respeito da dificuldade de leitura na clave de dó, nada comum para a literatura pianística, as entrevistadas recomendam praticar pequenos trechos melódicos, ratificando que a vivência aproxima e torna o processo natural, orgânico.

Através da revisão bibliográfica, observamos que autores cultivam a mesma opinião no que tange a execução instrumental: a necessidade de uma técnica bem apurada tanto para o repertório solista como para o repertório de câmara. Mota (2015, p.5) declara que “todas as atividades pianísticas possíveis possuem em comum uma sólida base técnica e musical além dos saberes específicos de cada área”.

De acordo com as entrevistadas, outro importante componente está em obter capacidade de ordem inter e intrapessoal. No trabalho coletivo é necessário se comunicar de forma clara, ter maturidade e flexibilidade para respeitar a diversidade de comportamentos, assim como desenvolver a criticidade, ou seja, o olhar sobre suas facilidades e dificuldades, evitando comprometer-se em tocar determinada obra em um tempo específico e não conseguir.

Partindo de análises e relatos a respeito da desvalorização desta carreira, as instrumentistas relataram que alguns professores, instrumentistas e cantores não reconhecem o pianista colaborador como músico apto a contribuir ativamente na interpretação da



performance mas, estritamente como acompanhador, impedindo a troca de conhecimento e subtraindo o resultado final. O questionamento sobre a atuação do pianista solo e pianista colaborador, sob o ponto de vista de sua valorização ou desvalorização, é discutida pela literatura vigente ao constataremos considerações realizadas por Baldovino (2020):

a caracterização de um imaginário compartilhado, no qual se crê que o repertório ao qual os colaboradores se dedicam seja de fácil execução e apreensão, e, por esta razão, prescinde do estudo e da dedicação que se fariam necessários nas obras para piano solo (Baldovino, p. 97, 2020).

O autoreconhecimento como profissional na área da colaboração pianística foi apontado por fatores diversos como: domínio dos recursos e procedimentos aqui relatados; quando o exercício da função se tornou a principal atuação laboral, assim como a efetuação do pagamento pelo trabalho realizado. Tais apontamentos são ratificados por Friesen (2018) ao ressaltar que considera profissional aquele “que recebe uma gratificação monetária pelo trabalho realizado **competentemente**” (Friesen, 2018, p.13, grifo nosso).

Em relação à contínua motivação no exercício da colaboração pianística, as considerações permearam aspectos positivos e negativos, porém, o ponto crucial está no prazer e interesse de trabalhar em conjunto. Segundo Montenegro (2013, p.102): “a dimensão social do fazer musical e as possibilidades de estabelecer vínculos afetivos com outras pessoas e contribuir para a aprendizagem musical do outro constituem os valores da profissão”.

Adaptabilidade, disposição, humildade, ânimo foram os apontamentos sugeridos para a construção do pianista colaborador, assim como um aprendizado de estratégias funcionais.

Procedimentos que estimulam o corpo a utilizar recursos apreendidos na reflexão funcional, empregando-os na rotina da prática instrumental, ou seja, o indivíduo dirige o próprio desenvolvimento e gerencia seu progresso, avaliando pensamentos e ações com propósito e finalidade direcionada, organizando tarefas e delineando estratégias para atingir o objetivo almejado que é a performance (Araújo Filho, 2021, p.12).

Ao transferir esses conceitos para a prática colaborativa, dados relacionados com a literatura, experiencial dos autores deste trabalho, assim como, apontamentos ofertados pelas entrevistadas, encontramos uma série de estratégias metodológicas que auxiliam o resultado



qualitativo deste percurso, como: planejar e organizar ensaios de forma eficaz (isolar os problemas e trabalhá-los); gerenciar o tempo; cumprir prazos realistas e conhecer a si mesmo, respeitando seu ritmo de aprendizado dentro do processo coletivo.

Considerações Finais

Os caminhos que propiciaram esta investigação percorreram participações em eventos, congressos, ações de extensão, produção artística e, por fim, a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, ratificando a importância da ação de colaboração pianística.

A coleta de dados esclareceu a íntima relação entre o referencial bibliográfico e os relatos sobre os desafios mais frequentes de pianistas colaboradores, assim como atitudes externas que os atingem positivamente e negativamente, informes relevantes aos ingressantes neste campo de ação.

Apesar de atuações diferentes, o pianista colaborador e o solista possuem a mesma base instrumental, algo ratificado através das referências bibliográficas. Entretanto, a prática de colaboração proporciona diversas melhorias para o pianista: senso perceptivo mais aguçado com melhora na precisão rítmica e pulsação; capacidade de reconhecer, e conseqüentemente, realizar diferentes timbres e sonoridades; desenvolvimento da criatividade devido à necessidade de interação com outros músicos e suas ideias, saindo do seu casulo musical, entre outras habilidades.

Torna-se claro que a construção do conhecimento é realizada por uma diversidade de ações, sendo as extensões universitárias uma excelente oportunidade de aprendizado.

Esta pesquisa apresenta um conjunto de reflexões e encaminhamentos sobre a diversidade de estratégias para a superação de dificuldades, auxiliando na trajetória do pianista colaborador sob a perspectiva da literatura e prática, potencializando a identificação, o conhecimento e desenvolvimento de habilidades através dos diversos procedimentos metodológicos descritos.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Alfeu Rodrigues de. Pedagogia do Piano e a Ciência: Trajetória, Conquistas e Continuidade. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 9, n. 3, p. 1-26, Dezembro, 2021.

BALDOVINO, Guilherme Felipe do Lago. *A (in)visibilidade do pianista colaborador: narrativas e representações*. Dissertação (Mestrado em Música), 256f. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2020.

CIANBRONI, Samuel Henrique; SANTOS, Regina Antunes Teixeira dos. Perspectivas de mobilização de conhecimentos musicais em atividades de colaboração pianística: três estudos de caso. *Opus*, v. 23, n. 1, p. 166-186, abr. 2017.

COSTA, José Francisco da. *Leitura à primeira-vista na formação do pianista colaborador a partir de uma abordagem qualitativa*. Campinas, 2011. 295 f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

DAVID, JOANA. *A minha atividade profissional como pianista acompanhadora e correpetidora*. Online, 2013. Disponível em: https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/6039/1/PTE_DavidJoana_2014.pdf. Acesso em 19 de outubro de 2023.

FRIESEN, Rafael Ricardo. O pianista colaborador de coro e o ensino de suas competências. IN: IX ENCONTRO REGIONAL DA ABEM. Universidade Federal de Roraima. Boa Vista (RR), 2016, p. 1-6.

FRIESEN, Rafael Ricardo. *Panorama das competências do pianista de coro no Brasil*. Florianópolis, 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

FRIESEN, Rafael Ricardo; PÓVOAS, Maria Bernardete Castelan. Aplicação do conceito de competências à atuação do pianista de coro. *Revista da Abem*, v. 27, n. 43, p. 7-20, 2019.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008, 220 páginas.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em 6 de fevereiro de 2024.

LEAL, Ester Rodrigues Fernandes. *O acompanhamento ao piano para coro infantil*. Campinas, 2005. 100f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2005.



LISBOA, Márcio Roberto; COUTINHO, Carlos Henrique Costa. O piano como ferramenta para o regente de coro. In: VIII CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO – CONPEEX/2011. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/MARCIO_R.PDF
Acesso em 18 de outubro de 2023.

MONTENEGRO, Guilherme Farias de Castro. *Os modos de ser e agir do pianista colaborador: um estudo de entrevistas com profissionais do Centro de Educação Profissional - Escola de Música de Brasília*. Brasília, 2013. 189 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Brasília (Instituto de Artes), Brasília (DF), 2013.

MOTA, Gisele Pires. A formação do pianista colaborador no curso de bacharelado em piano: realidade e proposições para inserção no mercado de trabalho. IN: XXV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – ANPPOM – Vitória, 2015, p. 1-8.

MUNDIM, Adriana Abid. *Pianista colaborador: a formação e atuação performática voltada para o acompanhamento de flauta transversal*. Belo Horizonte, 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MUNIZ, Franklin Roosevelt Silva. *O pianista camerista, correpetidor e colaborador: as habilidades nos diversos campos de atuação*. Goiânia, 2010. 49 f. Trabalho de produção artística e artigo (Mestrado em Música). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

RUIVO, Cinthia. *O pianista colaborador: um estudo com os alunos do bacharelado em instrumento-piano da UDESC*. Florianópolis, 2015. 162f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

UNGLAUB, Aillyn da Rocha. *Um olhar reflexivo sobre a leitura musical à primeira vista realizada por pianistas*. Florianópolis, 2006. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

